

LICÃO 12 – A FAMÍLIA E A IGREJA

Subsídio elaborado por Inacio de
Carvalho Neto. E-mail do
autor: [inaciocarvalho@inaciocarvalho
.com.br](mailto:inaciocarvalho@inaciocarvalho.com.br)

Comentários:

Introdução:

- Família e igreja são instituições que se completam e caminham juntas, embora não se confundam uma com a outra.
- São duas instituições criadas por Deus com propósitos específicos, mas que devem ser alcançados conjuntamente.
- O propósito da família é conceder os meios para que o homem cumpra o seu papel na Terra; o propósito da igreja é reunir os salvos para pregar o Evangelho.
- Jesus deixou clara a divergência de propósitos entre a família e a igreja (Lc. 2.49; 8.19-21; Mt. 10.35-38), mas não deixou de responder por seus deveres familiares, até mesmo por ocasião da sua morte (Jo. 19.26-27). E depois da Sua ressurreição ainda providenciou a salvação de Seus irmãos (1Co. 15.7; At. 1.14), até então incrédulos (Jo. 7.5).
- A família, como instituição criada por Deus, não poderia ser suprimida pela igreja. Sendo ambas as instituições criadas por Deus, elas não poderiam mesmo se contrapor, competir entre si ou atrapalhar-se mutuamente. Sob a direção do Espírito Santo, há uma perfeita harmonia entre elas, como foi na igreja primitiva. Elas não são concorrentes, mas também não se confundem.

Família - o elemento básico da igreja:

- A família foi a primeira instituição criada por Deus para os homens, pois, sem ela, não poderia haver o cumprimento de todas as tarefas atribuídas ao homem pelo Senhor.
- Antes da queda de Adão, a família era a única instituição necessária para que houvesse a plenitude de vida ao homem. Depois da queda, diante da necessidade da salvação do homem, Deus iniciou seu plano para a salvação do homem, plano este que envolvia a igreja, que Paulo chamou de dispensação do mistério (Ef. 3.9-10).
- Deve-se notar que a adoração a Deus sempre foi vinculada à vida em família. Quando nasceu Enos, o primeiro filho de Sete, terceiro filho de Adão, começou-se a invocar o nome do Senhor (Gn. 4.26), o que nos leva a crer que a invocação a Deus foi resultado da formação de uma nova família, agora abençoada com um filho.
- A família é um elemento indispensável ao bem estar da igreja; falar da igreja sem priorizar a família é ignorar o óbvio. É possível haver família sem igreja, mas jamais haverá igreja sem família.

- O obreiro deve governar bem a sua própria casa (1Tm. 3.2,4,5), não apenas para ser consagrado, mas também depois de já consagrado. Isto implica o fato de que o obreiro não pode dar atenção exclusiva à igreja, deixando de lado sua família. O obreiro também deve ter direito a um dia por semana com a sua família, a viajar em férias com sua família etc.
- A família não deve cultuar apenas na igreja, mas também em sua própria casa (culto doméstico). Assim, além de edificação espiritual da própria família, haverá também bom testemunho para os vizinhos, constituindo-se a família numa extensão da igreja.
- Não foi apenas na atual dispensação (da graça) que Deus deu tratamento adequado à família; em todas as dispensações anteriores assim também foi.
- Na dispensação da inocência (da criação até a queda do primeiro casal), Deus criou a família. Note-se, então, que a família foi criada antes do pecado e que, apesar dele, subsiste como uma necessidade para a vida na Terra.
- Na dispensação da consciência (da queda até o dilúvio), a família foi mantida por Deus. Ainda que esta dispensação tenha terminado com a destruição de toda a humanidade pelo dilúvio, verificamos o cuidado de Deus para com a família, pois foi uma família inteira (a família de Noé) que foi preservada das águas do dilúvio (Gn. 7.1).
- Na dispensação do governo humano (do dilúvio até a torre de Babel) vemos, mais uma vez, a preservação da instituição familiar. Ela se inicia com a família de Noé se encarregando de repovoar toda a terra (Gn. 9.19). Mesmo terminando com a dispersão dos homens, essa dispensação respeitou os laços familiares mais próximos (Gn. 10).
- Na dispensação patriarcal (da chamada de Abrão até a entrega da lei no Sinai), vemos Deus chamando homens com suas respectivas famílias, para a geração de um povo especial. Embora Abrão tivesse sido chamado a sair do meio de sua parentela, ele deveria levar Sarai, sua mulher, com a qual teria um filho. Nota-se aqui a diferença da “família extensa” (incluindo pais, irmãos, sobrinho etc) da “família nuclear” (cônjuges e filhos).
- Na dispensação da lei (da entrega da lei no Sinai até a ressurreição de Cristo), Deus fez estritas observações a respeito da família, estabelecendo regras para que a família fosse formada com base na lei divina (Dt. 6.6-9; 7.2-6; Ed. 9.9-10), exigindo pureza sexual e moralidade nas relações familiares (Ex. 20.14,17; Lv. 18.19-30).
- Na dispensação da graça (da ressurreição de Cristo até o arrebatamento da igreja) não é diferente; a família tem lugar de destaque no plano divino. Jesus veio “nascido de mulher” (Gl. 4.4), ou seja, nasceu dentro de uma família, mesmo tendo concepção sobrenatural (ou seja, Jesus não precisava de uma família pra nascer, mas ainda assim Deus quis mostrar a importância da família).
- Jesus não só nasceu em família, mas também se manteve em família, sendo sujeito a seus pais (Lc. 2.51). O primeiro milagre de Jesus foi feito justamente numa festa de casamento (Jo. 2.1-12). Ele também curou a sogra de Pedro (Mt. 8.14-17), atendeu súplicas de pais e mães para libertação e cura de seus filhos (Mt. 15.22; 17.14-15; Mc. 5.23), aconselhou a prática de evangelização nas casas e das famílias das pessoas por Ele beneficiadas (Mt. 10.12-13; Mc. 5.19), defendeu a família monogâmica e sexualmente pura (Mt. 19.3-9), ressuscitou um filho (Lc. 7.11) e um irmão (Jo. 11.1-45), ambos arrimos de família.

- Ao longo dos séculos, muitos se levantaram contra a instituição familiar, defendendo a sua abolição. Na União Soviética, depois da revolução russa, no início do século XX, experimentou-se criar crianças em instituições, pretendendo liberar as mães para o trabalho e dar as crianças uma criação mais “científica”. Mas essa ideia logo foi abandonada e a família passou a ser valorizada naquele regime e o é até hoje.

- Atualmente não é diferente. A família tem sido atacada de todos os lados. Leis concedem direitos próprios de família a uniões homossexuais (ex: adoção, direitos previdenciários, sucessão legítima); decisões judiciais reconhecem a possibilidade de união estável homossexual, e até de casamentos homossexuais. E a nova “moda” é se pregar contra a monogamia, já havendo decisões judiciais concedendo o direito de registrar união estável entre um homem e duas mulheres, ou vice-versa.

- Recentemente, o professor Marcos Alves da Silva defendeu sua tese de doutorado em Direito na Universidade Federal do Paraná com o tema “Da monogamia – a sua superação como princípio estruturante do Direito de Família”. Não demorará muito para se afirmar com todas as letras a possibilidade de casamento a três, com a maior naturalidade.

A igreja acolhendo as famílias:

- A palavra “igreja” deriva do grego *ekklesia*, que significa literalmente “tirados para fora”. É, portanto, um conjunto de pessoas “tiradas para fora” do mundo, separados do mundo para servir ao Senhor.

- A família do obreiro é uma família como outra qualquer na igreja. Ela deve ser exemplo para os demais sim, mas na mesma medida que todas as famílias devem ser exemplos. Não se deve transformar a família do obreiro em vitrine para as demais, deixando-lhe de preservar a intimidade e a vida privada e exigindo-lhe mais do que das demais famílias da igreja. É como se a família vivesse num aquário, exposto à observação de todos, sem qualquer direito a intimidade e sem possibilidade de qualquer vida privada.

- O próprio obreiro, igualmente, não pode deixar sua obra na igreja atrapalhar a sua família. É preciso estabelecer corretamente as prioridades: em primeiro lugar, o relacionamento com Deus (Mc. 12.30); em segundo lugar, a família; só depois, em terceiro lugar, o ministério na igreja. Não se deve confundir o ministério na igreja com o relacionamento com Deus, para fazê-lo mais importante que a família. Muitos pastores cuidam demais do ministério e deixam sua família de lado. Não é à toa que ocorrem muitos casos de filhos de pastor desviados.

- E, por outro lado, a família do obreiro não pode atrapalhar a sua obra na igreja. Recorde-se o mau exemplo de Eli, que não conseguia cuidar de seus filhos e eles procediam mal perante o povo (1Sm. 2.17).

- O cuidado de Jesus com a família prosseguiu com a igreja primitiva, o que se constata na instituição do diaconato, que demonstra que a igreja primitiva tinha cuidado com as viúvas e as famílias mais necessitadas (At. 6.1-2). Também no episódio da conversão de Cornélio se mostra o cuidado com a família, tendo o centurião romano convidado todos os seus familiares e amigos para ouvir Pedro (At. 10.24), o que foi do agrado do Senhor, que batizou todos com o Espírito Santo (At. 10.44).

- Igualmente Paulo sempre teve o cuidado de aliar a evangelização à preservação da instituição familiar. Em Filipos, por exemplo, que foi a primeira igreja estabelecida por Paulo na sua segunda viagem, vemos tal cuidado na conversão de Lídia (At. 16.15) e na do carcereiro (At. 16.31-32). Além disso, há vários ensinamentos sobre a família nas suas cartas aos coríntios, aos efésios e a Timóteo.

- A igreja pode cooperar com a família de sete formas. A primeira forma de cooperação da igreja com a família é a consideração da sua estrutura familiar. Ou seja, como a igreja é composta de famílias, todas as decisões na igreja devem ser tomadas levando em consideração as suas consequências para as famílias.

- A segunda forma de cooperação da igreja com a família é a oração. A igreja deve orar continuamente pelas famílias, tendo em consideração que a oração do justo pode muito em seus efeitos (Tg. 5.16).

- A terceira forma de cooperação da igreja com a família é o aconselhamento. A igreja precisa ter pessoas preparadas para aconselhar os integrantes da família nos seus conflitos internos. Como ensina Salomão, na multidão de conselheiros há segurança (Pv. 11.14; 15.22). Mas conselheiros não devem ser mexeriqueiros, não devem se imiscuir na intimidade da família e muito menos devassá-la, espalhando para todos os problemas interno da família. Há que se ter sabedoria no aconselhamento.

- A quarta forma de cooperação da igreja com a família é a visita. A igreja (não só o pastor) deve acompanhar o dia-a-dia das famílias. Mas a visita também não pode ser usada como pretexto para devassar a privacidade da família visitada. Infelizmente as visitas têm sido cada vez mais raras no nosso meio, o que tem contribuído para o enfraquecimento espiritual das igrejas. A igreja primitiva crescia porque era baseada nos lares (At. 5.42).

- A quinta forma de cooperação da igreja com a família é o ensino do modelo bíblico de família. A igreja deve ensinar os seus membros as orientações bíblicas a respeito da família, promovendo cultos de doutrina sobre o tema, seminários da família, encontros de casais, palestras em congressos de jovens e adolescentes etc.

- A sexta forma de cooperação da igreja com a família é a preservação da sua intimidade. Em hipótese alguma a igreja deve penetrar na intimidade da família, para expor seus membros à execração pública. Jesus mesmo falou em aposento “secreto” (Mt. 6.6), um espaço de intimidade apenas com Deus, que deve ser preservado por todos.

- A sétima forma de cooperação da igreja com a família é a criação de um espaço e de condições para que o dirigente tenha uma vida familiar sadia e exemplar. O pastor precisa ter pelo menos um dia na semana de descanso, sem qualquer atividade na igreja, para se dedicar a sua família. E precisa ter férias, para viajar com sua família.

A família na igreja local:

- Observe-se que Paulo cita vários parentes seus no texto da leitura bíblica em classe (Rm. 16.7,11,13) e também no v. 21 deste mesmo capítulo. Se todos eram efetivamente parentes carnis de Paulo ou não, há dúvidas (vide comentários abaixo). Mas a questão aqui importante é o quanto ele ressalta a importância da família na igreja neste capítulo, inclusive em outros

versículos, onde cita Priscila e Áquila (v. 3), provavelmente casados entre si, e Nereu e sua irmã (v. 15).

- Neste sentido, Timóteo é apresentado como um obreiro cuja formação se devia, fundamentalmente, à vida familiar que tivera (2Tm. 1.5; 3.14-15).

- Também há várias menções no Novo Testamento a igrejas estabelecidas em casas, onde havia verdadeiros altares ao Senhor (At. 5.42; Rm. 16.5; 1Co. 16.19; Cl. 4.15).

- Mas a família não pode interferir na igreja a ponto de, por exemplo, um pastor nomear seu filho como pastor, ou dirigente local, ou para qualquer outro cargo, sem que o filho seja efetivamente capacitado e chamado por Deus para isso. Esse tipo de influência da família na igreja é danosa à comunidade local.

- Igualmente a igreja não pode interferir na família. A família existe antes da igreja. Deve estar antes da igreja na ordem de prioridades do crente.

- Uma deve cooperar com a outra, não atrapalhar uma à outra. Uma igreja saudável tem famílias saudáveis, que ajudam famílias não saudáveis a se tornarem saudáveis (Tg. 5.16).

- A família pode cooperar com a igreja de 7 formas.

- A primeira forma de a família cooperar com a igreja é sendo, efetivamente, um altar para a operação do Senhor. Assim a família já chega ao culto em espírito de adoração.

- A segunda forma de a família cooperar com a igreja é o bom testemunho, não apenas na igreja, mas em todos os lugares, inclusive no âmbito da própria família. Inclusive, o testemunho do crente entre os seus familiares que não são crentes é fundamental para a salvação deles (1Co. 7.16; 1Pe. 3.1).

- A terceira forma de cooperação da família com a igreja é a educação doutrinário-religiosa dos integrantes da família, principalmente dos filhos pelos pais, ou dos crentes novos pelos mais antigos. A igreja apenas complementa o ensino (em cultos de doutrina e na Escola Dominical), mas o papel principal de ensinar os filhos é dos pais. Muitos pais têm delegado essa função para a igreja (ou, pior, para escolas seculares), mas isso não é possível, pois o ensino deve ser constante, diuturno, o que só pode ocorrer no ambiente familiar (Dt. 6.6-9).

- A quarta forma de cooperação da família com a igreja é a sua presença regular nas reuniões e atividades da igreja. A família precisa participar ativamente nas atividades da igreja para que esta cumpra o seu papel de evangelização e aperfeiçoamento espiritual dos crentes. Neste ponto, as igrejas precisam tomar cuidado para evitar que a departamentalização excessiva não prejudique a família. Se cada membro da família tiver atividade na igreja em um dia diferente, a família nunca poderá se reunir integralmente em sua casa ou mesmo na igreja, já que, em cada dia, parte da família estará em sua casa e parte na igreja. Algumas igrejas têm muitos cultos de mocidade, de adolescentes, de irmãs etc, impedindo que a família esteja reunida. O ideal é que os cultos envolvam todas as faixas etárias e todos os membros das famílias, ainda que separando-os por departamentos, como ocorre na Escola Dominical.

- A quinta forma de cooperação da família com a igreja é a contribuição financeira (dízimos e ofertas voluntárias). A igreja depende da contribuição dos seus membros para realizar as suas tarefas de evangelismo, assistência social etc.

- A sexta forma de cooperação da família com a igreja é a abertura de espaço no lar para a evangelização. As famílias devem, na medida do possível, disponibilizar seus lares para a realização de cultos e reuniões de oração e de estudo da Palavra, sempre sob a supervisão e coordenação da liderança da igreja.

- A sétima forma de cooperação da família com a igreja é a hospitalidade. As famílias devem abrir suas portas para hospedar visitantes e convidados de outras comunidades. Embora esta tarefa venha se tornando cada vez menos comum atualmente, além de perigosa, os crentes não podem deixar de lado a hospitalidade (Rm. 12.13; 1Tm. 5.10; Tt. 1.8; Hb. 13.2).

- Embora seja objetivo e propósito do Senhor a salvação de todos os integrantes do grupo familiar, isto às vezes não acontece (Mt. 10.34-36; Lc. 12.49,51-53).

Texto áureo:

SALMOS 122

1 Alegrei-me quando me disseram: Vamos à Casa do SENHOR!

- O peregrino, agora de volta à sua casa, relembra com que alegria ouvira e aceitara o convite de subir a Jerusalém e participar de uma das festividades anuais que ali se realizariam. Conforme Israel foi crescendo, e a população se multiplicava, a regra que decretava que todos os varões subissem a Jerusalém três vezes por ano (na Páscoa, no Pentecoste e nos Tabernáculos) não mais foi obedecida pela maioria dos israelitas. Para alguns, uma única visita em toda a vida deve ter sido o que realmente ocorria. Ou então os peregrinos subiam a Jerusalém apenas ocasionalmente. Além disso, havia os indiferentes, os muito pobres, os enfermos e os aleijados, que nunca tinham feito a viagem. Por conseguinte, a julgar por este salmo, para muitos a viagem era algo bastante raro, sendo feita com o máximo de prazer e alegria, a despeito dos muitos perigos enfrentados ao longo do caminho. Por causa dos perigos do percurso, as viagens de Jerusalém eram raras para os que habitavam em lugares distantes e, por isso, para efeito de segurança, os peregrinos viajavam em grupos.

- Este texto está inscrito por cima do pórtico da catedral de São Paulo, em Londres.

- Alguns estudiosos vinculam a alegria da viagem a Jerusalém ao retorno dos cativos da Babilônia, possibilitado pelo decreto do imperador Ciro. Este versículo é uma metáfora que encoraja a frequência à igreja, sendo cristianizado para falar da viagem espiritual dos peregrinos à Jerusalém Celestial.

- A casa do Senhor deve ser um lugar onde o crente desfruta, com toda alegria, da íntima presença do Senhor, da comunhão do Espírito e do amor dos irmãos na fé.

- “Casa do SENHOR”, no original hebraico, é, mais especificamente, “a casa de Jeová”. O tabernáculo e o templo eram a principal preocupação de Davi na vida (2Sm. 6.7; 1Rs. 5.5; 1Cr. 15.1-17.27; 21.18-29.19).

- Ir à casa de Deus pode ser uma obrigação ou um prazer. Para o salmista, era um prazer. Como peregrino, ele participava de, pelo menos, uma das três grandes festas religiosas e regozijava-se ao adorar a Deus junto com o seu povo no santo Templo. Podemos considerar a adoração uma

tarefa se tivermos pecados não confessados ou se o nosso amor por Deus esfriou. Mas, se estivermos próximos de Deus e apreciarmos a Sua presença, estaremos ansiosos para adorá-lo e louvá-lo. Nossa atitude em relação a Deus determinará a nossa adoração.

- Davi foi o autor de 4 dos 15 Cânticos dos Degraus (22, 124, 131 e 133). O salmo do meio dessa série (127) foi escrito por Salomão. Dos 7 salmos anteriores e dos 7 posteriores ao 127, 2 foram escritos por Davi e 5 são anônimos. Em cada série de 7, o nome Jeová (Senhor) aparece 24 vezes. O nome JAH aparece no terceiro salmo de cada grupo de 7 (122.4; 130.3).

Texto da leitura bíblica em classe:

ROMANOS 16.1-5,7,10,11,13,15,24

1 Recomendo-vos, pois, Febe, nossa irmã, a qual serve na igreja que está em Cencreia,

- O apelativo feminino “Febe” (cujo sentido grego é brilhante), como epíteto da deusa Artemis, deusa da lua e da caça), é aqui o nome de uma crente.

- Provavelmente, foi Febe a portadora desta epístola. Ainda que se discuta se este capítulo 16 fazia parte da redação original da carta de Paulo aos romanos (quanto a uma discussão completa sobre esse problema, cujo conhecimento é algo absolutamente necessário para que se compreenda este capítulo 16, ver abaixo), isto não interfere na possibilidade de que Febe tenha sido a sua portadora.

- Febe, que talvez estivesse de viagem para a cidade de Roma, poderia ter sido escolhida para ser a portadora da epístola aos Romanos. E Paulo pode ter escrito também uma carta de apresentação para ela, que seria o nosso atual capítulo 16 da epístola aos Romanos, tendo-a endereçado para igrejas cristãs da Ásia Menor, onde as atividades de Febe se concentrariam mais.

- Não obstante, nada mais sabemos acerca dela e do que este versículo primeiro subentende. É possível que ela fosse uma mercadora ambulante, mais ou menos da mesma categoria de Lídia, a vendedora de púrpura, sobre quem temos em At. 16.14,40. As viagens de Febe talvez a levassem sobretudo a localidades da Ásia Menor, que seria também sua pátria de origem. Mas a capital do império também poderia ser uma cidade que ela visitava com frequência. Tendo ela passado por Corinto, onde se encontrava então o apóstolo Paulo, é possível que esse apóstolo lhe tenha solicitado que fosse a portadora da epístola aos Romanos, como um favor especial.

- Por causa dessa circunstância, pois, é que a carta de apresentação, que é a pequena epístola, embora visasse especificamente localidades da Ásia Menor, terminou por ser vinculada à “epístola maior”, a qual denominamos de epístola aos Romanos.

- Precisamos admitir, entretanto, que essa ideia não se reveste de grandes probabilidades. Parece muito mais lógico, e de conformidade com a própria epístola, com suas muitas saudações e com sua advertência acerca dos falsos mestres, supormos que essa “pequena epístola” foi puramente uma epístola de saudações às igrejas cristãs da Ásia Menor, que visava mais particularmente, talvez, a igreja de Éfeso. Neste último caso, este capítulo 16 não teria conexão alguma com a epístola dos Romanos.

- Não obstante, em favor daquela primeira ideia, temos a observar que o versículo 22 deste capítulo menciona “Tércio”, como o amanuense que realmente escreveu o que Paulo lhe ditara. Pois teria realmente o apóstolo se utilizado de um amanuense para escrever tão minúscula epístola? Parece muito mais provável que Paulo se tivesse utilizado de Tércio para escrever tanto a epístola mais longa (Romanos 1 a 15) como a epístola mais breve, a carta de introdução ou apresentação de Febe, que é o nosso capítulo 16 de Romanos. Depois de toda essa exposição de argumentos favoráveis e contrários, precisamos confessar que não existe qualquer maneira adequada de encontrar solução para esse problema.

- Nada sabemos a respeito de Febe senão aquilo que nos é dito aqui, em Rm. 16.1-2. Ela desempenhava um papel ativo na igreja de Cencreia, como diaconisa, o que provavelmente indica uma posição oficial feminina, similar à dos diáconos. Febe também se mostrava generosa em sua hospitalidade, tendo ajudado a muito crentes, incluindo o próprio apóstolo dos gentios. Entre outras coisas, mui provavelmente isso indica assistência financeira e obras de caridade.

- No entanto, para alguns estudiosos, o termo “diaconisa” subentende um período posterior ao período apostólico, não sendo uma das características do governo eclesiástico dos dias de Paulo. Nesse caso, Febe teria sido assim chamada para indicar que ela era pessoa extraordinariamente generosa, não visando qualquer sentido oficial, mas tão somente alguém que costumava ser de grande ajuda para os irmãos na fé. Não há maneira, além disso, de determinarmos o tipo de negócio ou atividade comercial que ela explorava, e que teria feito ela fazer aquela viagem a Roma. Todavia, como dito acima, é possível que seu negócio se assemelhasse ao de Lídia (ver At. 16.4,40), uma negociante em objetos de interesse feminino.

- Não possuímos qualquer informação segura que nos permita saber se esse era um cargo oficial e formal, no tempo dos apóstolos, conforme certamente chegou a ser em séculos subsequentes. Alguns eruditos opinam que o trecho de 1Tm. 3.11, onde lemos “Da mesma sorte as mulheres sejam honestas...”, é uma referência direta à existência de “diaconisas” na igreja primitiva, tal como a porção anterior desse mesmo capítulo tece considerações sobre os “diáconos”, bem como sobre os outros ofícios ocupados por varões nas congregações cristãs.

- Há evidência que em cerca de 111 d.C., o cargo de diaconisas existia oficialmente na igreja cristã. Plínio, governador da Bitúnia, registrou que interrogara, sob torturas, duas mulheres que eram chamadas “diaconisas” na igreja cristã. Seu interrogatório dizia respeito à natureza dos “ritos” cristãos. Evidentemente Plínio procurava provas sobre supostas práticas de canibalismo, o que, sem dúvida, fora uma suspeita provocada por uma interpretação pervertida, da parte de alguns pagãos, no que tange à Ceia do Senhor.

- Por semelhante modo, as chamadas “Constituições Apostólicas”, que pertencem a uma época posterior, mencionam a existência de “diaconisas” nessa época, nos fins do segundo século da era cristã. Mais tarde ainda, esse encargo se tornou oficial na igreja cristã (Ver Constituições Apostólicas 2.26 e 3.7,15). Nesse mesmo documento aprendemos que algumas funções existentes na igreja primitiva eram consideradas melhor ocupadas por mulheres, como no caso do batismo de outras mulheres, certos serviços sociais que requeriam aos crentes que entregassem nas câmaras das mulheres, ou como a apresentação de mulheres ao diácono ou pastor das igrejas locais. As Constituições Apostólicas, por igual modo, descrevem a “ordenação” de tais mulheres, tal como certos varões eram ordenados para diversos dos ofícios eclesiásticos. Essas Constituições Apostólicas consistem de oito volumes, os quais abordam questões litúrgicas, doutrinárias e instruções morais, com data do século III d.C., ou, quando muito, dos fins do segundo século de nossa era.

- As responsabilidades dessas “diaconisas”, conforme as mencionou mais acima, se centralizaram em torno dos membros femininos das igrejas cristãs. Eram elas as “supervisoras” de mulheres, de uma maneira que homens não poderiam fazer. Também lhes cabia o cuidado pelos pobres, ministrando aos enfermos, cuidando dos mártires e confessores nas prisões, instruindo aos catecúmenos, batizando outras mulheres, e fazendo outras coisas de semelhante natureza. Provavelmente a maioria dessas “diaconisas” provinha de mulheres de mais idade, certamente sendo quase todas pertencentes à classe das viúvas.

- Crisóstomo (407 d. C.), quando era pastor da igreja de Constantinopla, contava, como seus assistentes, com quarenta diaconisas e oitenta diáconos. Depois de sua época, devido ao desenvolvimento do eclesiasticismo no meio cristão, houve a gradual substituição desses diáconos e diaconisas por freiras e diáconos, os quais representam ofícios de natureza mais puramente clerical, mais formal. Até aos tempos de Vicente de Paulo (1576-166), tais pessoas viviam em clausura. Vicente, entretanto, formou uma sociedade de mulheres não enclausuradas, para funcionarem como diaconisas, que ministravam aos pobres e enfermos, as quais, com o tempo, vieram a receber o título de “irmãs de caridade”.

- Depois da Reforma Protestante, alguns grupos protestantes retiveram o encargo oficial de diaconisas, como sucedeu entre os menonitas, na Holanda, como também entre alguns grupos da igreja anglicana. Posteriormente, alguns grupos luteranos também adotaram essa prática. Em 1940, havia cerca de 50.000 diaconisas luteranas na Alemanha, na Holanda, na Escandinávia, na Suíça e nos Estados Unidos. Existem outros grupos protestantes modernos, como alguns grupos presbiterianos, metodistas e anglicanos, que têm formado diaconisas, visando, especialmente, a trabalhos que envolvam questões de misericórdia e caridade.

- Sem importar se esse ofício de “diaconisas” existia ou não como uma função oficial, nos dias do apóstolo Paulo, o certo é que veio a existir nos séculos posteriores a ele; mas somente novas descobertas arqueológicas nos poderão informar com mais certeza acerca dessa questão. Não obstante, algumas mulheres, entre os cristãos primitivos, como Febe, trabalhavam definitivamente no espírito de tal ofício, ainda que talvez o fizessem não-oficialmente. É óbvio que há necessidade de tal ofício, ainda que vários segmentos das modernas igrejas evangélicas tenham ignorado tal necessidade.

- Se Febe foi realmente a portadora desta epístola aos Romanos, é interessante observarmos que, entre as dobras das vestes de uma mulher, estava sendo levado o documento fundamental da fé cristã ao centro do mundo civilizado de então, isto é, à cidade de Roma, capital do império romano.

- Paulo ofereceu a Febe uma carta de apresentação, pelo menos por três razões: 1) Naquela época abundava um grande número de impostores, que se fingiam de cristãos. Esses elementos exploravam a boa vontade dos crentes, obtendo abrigo e, algumas vezes, até mesmo doações em dinheiro, narrando histórias fraudulentas, a fim de obterem a simpatia de um povo inocente, já naturalmente simpático, para com todos quantos se diziam cristãos. Há uma sátira, escrita no segundo século da nossa era, pelo escritor pagão Lúcio (“A Passagem do Peregrino”), que aborda exatamente esse tema. Essa sátira mostra-nos como certo impostor explorou a credulidade de certos grupos cristãos, para benefício próprio. Ora, cartas de apresentação serviam de garantia contra tais indivíduos. 2) Havia necessidade da hospitalidade cristã, em favor de irmãos na fé, porquanto as antigas hospedarias viviam infestadas de prostitutas, assaltantes e outros elementos desagradáveis e perigosos. 3) Evidentemente a irmã Febe tinha necessidade de alguma ajuda específica, em qualquer negócio que a forçava a viajar de um lugar para outro.

- Ela era uma servidora (que fazia o trabalho de diaconisa) na igreja em Cencreia, próximo a Corinto. Seus deveres eram: cuidar das mulheres que se convertiam, preparando-as para o batismo; visitar os enfermos e os presos; cuidar de todas as partes do trabalho da igreja entre as mulheres que não podiam ser executados por homens.

- A construção linguística do versículo em apreço, no original grego, é *diakonon*, usada também em Mt. 20.26, onde é traduzida por “serviçal”, indicando que ela desempenhava a função de diácono, talvez porque no momento havia falta, ali, de elementos masculinos para o diaconato.

- Febe, portanto, ministrava aos pobres, aos enfermos e aos necessitados, além de prestar assistência a missionários tais como Paulo. As saudações de Paulo a nada menos de oito mulheres neste capítulo indicam que as mulheres prestavam serviços relevantes à igreja.

- Aparentemente, ela era uma pessoa rica que ajudava a manter o ministério de Paulo, além de ser muito conceituada da na igreja de Cencreia.

- Cencreia era uma cidade na costa, perto (cerca de 10 a 14 km a oeste) de Corinto, onde havia um porto. Foi também citada em At. 18.18, onde Paulo rapou sua cabeça para cumprir um voto.

- Paulo escreveu esta epístola aos Romanos na cidade de Corinto. Podemos concluir, portanto, que se Febe foi realmente a portadora da epístola aos Romanos, ela deveria estar de visita a Corinto quando Paulo entregou essa epístola, tendo ela concordado cortesmente em atender a seu pedido. A igreja cristã de Cencreia mui provavelmente era uma filha da igreja de Corinto, ou então fora iniciada por um núcleo que viera do centro maior de Corinto. Nesse caso, provavelmente havia íntima comunhão entre os crentes de Corinto e os de Cencreia. Cencreia era cidade que servia de porto marítimo oriental de Corinto.

2 para que a recebais no Senhor, como convém aos santos, e a ajudeis em qualquer coisa que de vós necessitar; porque tem hospedado a muitos, como também a mim mesmo.

- “Senhor” indica aqui a pessoa de Jesus Cristo (ver Rm. 1.4, quanto ao tema do “senhorio de Cristo”, onde se verifica que essa expressão, “Senhor”, era largamente usada para indicar Jesus, nas páginas do Novo Testamento). A hospitalidade deveria ser conferida aos outros porque os que eram alvos dessa hospitalidade eram discípulos do mesmo Senhor, membros da mesma família da fé. Tal hospitalidade, pois, deveria ser conferida a uma irmã espiritual como era Febe. Seu lar deveria ser qualquer lugar onde porventura ela se encontrasse, onde houvesse outros crentes, discípulos do mesmo Senhor Jesus que era o seu Senhor.

- É como se Paulo houvesse dito: Ajudai-a em qualquer coisa que ela tenha de fazer. Mui provavelmente o apóstolo se referia a algum negócio pessoal que ela tivesse de fazer, talvez algum interesse comercial. É até mesmo possível que ela tivesse encetado aquela viagem devido a interesses comerciais, segundo também se dava com Lídia (ver At. 16.4,40). Quanto a isso nada sabemos, mas só podemos conjecturar acerca do que a teria forçado a fazer essa viagem, o que, por sua vez, levou-a a precisar da carta de apresentação do apóstolo Paulo. Febe havia sido generosa para com outros crentes e merecia qualquer hospitalidade e ajuda em seus próprios interesses, na medida em que os crentes lhe pudessem oferecer.

- “Santos” é uma palavra empregada para descrever todos os crentes nas páginas do Novo Testamento.

- Como “ajudadora”, embora, no grego, essa palavra signifique “patrocinadora”. Tal termo era usado para designar algum “representante legal” do governo romano, Febe, pois, havia ajudado e protegido a crentes mais fracos, ensinando-os e provendo-lhes suas necessidades físicas. Também havia cuidado de enfermos e ajudado a mulheres crentes em seu trabalho na igreja. Tendo sido assim de grande ajuda para outros crentes, merecia a ajuda da igreja cristã inteira, em qualquer localidade onde se encontrasse em suas andanças. Essa palavra, cuja verdadeira tradução, como já dissemos, é “patrocinadora”, talvez se refira aos seus deveres oficiais como diaconisa, embora não necessariamente.

- Febe não ocupava qualquer posição oficial na igreja cristã da capital do império, mas servia ao mesmo Senhor, o Senhor Jesus, bem como aos seus discípulos, razão pela qual merecia a consideração e atenção de todos os apóstolos de Paulo, em tempos idos, possivelmente tendo aberto seu lar para acolher aos pregadores do evangelho e como ponto de pregação; e é possível que assim tenha começado o trabalho do evangelho em Cenecria. Seja como for, ela não fora de pequena ajuda para o apóstolo dos gentios. E, por essa razão, o apóstolo apresentou-a como digna de ajuda da parte da igreja cristã inteira. Em relação a Febe, a palavra “patrocinadora” (que é melhor tradução para da palavra aqui traduzida por “protetora”) talvez dê a entender uma pessoa de considerável influência, riquezas e posição social. Febe havia utilizado os seus recursos mentais e materiais, a fim de servir à igreja cristã que se esforçava por medrar em diversas localidades, sobretudo sua localidade de Cenecria.

- Hospedado, no original grego, é *prostatís*, podendo também ser traduzido como “protetora”. Escritores atenienses usavam esse termo para descrever aqueles que recebiam forasteiros. Confira-se Rm. 12.8 e 1Tm. 5.9-10.

- Sem dúvida, Febe hospedou os apóstolos e ministros que iam a Cenecria. A saudação de Paulo a ela é uma evidência do importante papel que as mulheres desempenharam na Igreja Primitiva.

3 Saudai a Priscila e a Áquila, meus cooperadores em Cristo Jesus,

- Priscila e Áquila são sempre mencionados juntos como marido e mulher (At. 18.2,18,26; Rm. 16.3; 1Co. 16.19; 2Tm. 4.19).

- Possivelmente eles tivessem voltado para Roma e tinham uma igreja funcionando em sua casa.

4 os quais pela minha vida expuseram a sua cabeça; o que não só eu lhes agradeço, mas também todas as igrejas dos gentios.

- Priscila e Áquila formavam um casal que havia se tornado muito amigo de Paulo. Com outros judeus, Priscila e Áquila foram expulsos de Roma pelo imperador (At. 18.2-3) e mudaram-se para Corinto. Ali, conheceram Paulo e convidaram-no para morar em sua casa. Já eram cristãos antes de encontrarem Paulo; provavelmente, foram eles que contaram ao apóstolo detalhes a respeito da Igreja em Roma. Como Paulo, Priscila e Áquila eram missionários e ajudaram os crentes em Éfeso (At. 18.18-28), em Roma, e novamente em Éfeso, quando receberam permissão para retornar (2Tm. 4.19).

5 Saudai também a igreja que está em sua casa. Saudai a Epêneto, meu amado, que é as primícias da Ásia em Cristo.

- Epêneto é citado apenas neste versículo, mas talvez fosse da casa de Estéfanos, que também é chamado de “as primícias da Acaia” (1Co. 16.15).

- As saudações pessoais de Paulo foram dirigidas a cristãos romanos, gregos, judeus e gentios, a homens e mulheres, a prisioneiros e a cidadãos proeminentes. A Igreja era muito diversificada: nela havia pessoas de várias etnias, culturas e classes sociais. Embora Paulo ainda não tivesse ido a Roma, conheceu esses irmãos em outros locais, durante suas viagens.

7 Saudai a Andrônico e a Júnias, meus parentes e meus companheiros na prisão, os quais se distinguiram entre os apóstolos e que foram antes de mim em Cristo.

- Andrônico e Júnias eram parentes de Paulo, ou podem ter simplesmente pertencido à mesma linha de Paulo. Mas certamente foram seus companheiros na prisão. Eram discípulos distintos entre os apóstolos e se tornaram cristãos antes de Paulo. Exatamente quando foram companheiros na prisão com Paulo não sabemos.

- Andrônico e Júnias são chamados apóstolos. Aqui, a palavra “apóstolo” é usada no sentido geral, para referir-se a um mensageiro itinerante ou missionário e não no sentido especial de apóstolo (ver At. 4.14; 1Co. 9.1-2; 2Co. 8.23; 12.12; Fp. 2.25). É possível que fossem marido e mulher, formando uma equipe no trabalho cristão.

10 Saudai a Apeles, aprovado em Cristo. Saudai aos da família de Aristóbulo.

- A palavra “Saudai” pode significar “transmiti meus cumprimentos a”, “proferi a palavra de saudação”.

- O nome próprio “Apeles” está etimologicamente ligado a “Apolo”. Apolo era, na concepção dos antigos, o deus da música, da poesia, da profecia e da medicina, conforme nos mostram as mitologias grega e romana. Era nome próprio extremamente comum entre os judeus, como também entre os gregos e os romanos, sob uma forma ou outra. Nos escritos de Horácio, esse nome aparece como designação de um judeu “Iudaeus Apella”. Também foi o nome próprio (na forma de Apella; pois Apeles indica a forma vocativa, no latim) de um famoso ator trágico, bem como do maior pintor da antiguidade, nascido em Cólofom, ou na ilha de Cós, na segunda metade do século IV a.C.

- O crente que Paulo conhecia e que atendia por esse nome era “aprovado em Cristo”, já tendo sido provado em várias tribulações e experiências, tudo o que servira para comprovar seu caráter cristão vital e real. Somente Deus conhece, realmente, quais são os seguidores aprovados em Cristo.

- Orígenes propunha que Apeles, que aparece neste versículo, deveria ser a mesma pessoa que em outros trechos neotestamentários recebe o nome de Apolo (ver At. 18.24; 19.1; 1Co. 1.12; 3.4-6,22; 4.6; 16.12 e Tt. 3.13). Mas isso não passa de uma mera conjectura, e mui provavelmente errônea, porquanto não haveria motivo algum para Paulo ter modificado esse nome aqui, dando-lhe uma forma muito mais rara do que a forma Apolo. A mitologia cristã, todavia, faz de Apeles um dos setenta discípulos originais de Cristo, segundo a narrativa de At. 10, o qual ter-se-ia tornado bispo de Esmirna ou de Heracléia.

- Sobre Aristóbulo, não é declarado diretamente que foi um crente. Seu nome, em grego, significa “o melhor conselheiro”. Tal nome, embora de origem grega, foi adotado pelos romanos, tendo-se tornado muito comum entre eles. Nada mais se sabe acerca desse homem. Mas ele mesmo não é alvo da saudação do apóstolo Paulo, o que talvez indique que Aristóbulo não era cristão, embora vários de seus familiares o fossem. Muitos estudiosos têm feito conjecturas diversas a respeito de sua identidade. Alguns desses eruditos têm chegado ao extremo de identificá-lo com o neto mais jovem de Herodes o Grande, o qual também tinha este nome, o qual, aparentemente vivia e faleceu na cidade de Roma, sem jamais ter participado das lutas políticas (ver Josefo, “Guerras dos Judeus”, II. Xi.6; Antiq. XX.1.2). Se porventura essa identificação está ao lado da razão, então encontraríamos aqui pelo menos um argumento em favor de ser este capítulo 16 parte originalmente integrante da epístola aos Romanos. Contudo, tal identificação se alicerça sobre uma simples conjectura, sem qualquer fundamento, não sendo considerada como provável pela maioria dos eruditos.

- A mitologia cristã fez de Aristóbulo irmão de Barnabé, tendo sido ordenado, por este ou por Paulo, como bispo, depois do que teia sido enviado à Britânia, onde teria trabalhado e morrido como bispo dali. Novamente, tudo isso não passa de decorações acrescentadas a um dos nomes que figuram nas páginas do Novo Testamento, sem qualquer evidência histórica.

- A palavra “casa” não aparece no original grego, embora seja subentendido no genitivo. É provável que isso indique os “escravos” pertencentes a Aristóbulo, embora isso não elimine a possibilidade de Paulo ter se referido a familiares desse personagem. Não é indicada aqui nenhuma casa “real”, o que não passa de uma interpretação exagerada do texto, conforme alguns eruditos querem fazer-nos acreditar. A alusão mais provável, neste caso, é a um grupo de escravos, que habitavam em alguma localidade da Ásia Menor, que se tinham convertido devido ao ministério que Paulo levou a efeito ali. Paulo nunca se esquecia nem dos grandes e nem dos humildes, porquanto, em Cristo, não há homem e nem mulher, não há livre e nem escravo, mas todos são um só em Cristo, conforme aprendemos em Gl. 3.28.

11 Saudai a Herodião, meu parente. Saudai aos da família de Narciso, os que estão no Senhor.

- Herodião é o terceiro parente de Paulo citado neste capítulo (ver v. 7). Depois dele, outros parentes foram citados no v. 21.

13 Saudai a Rufo, eleito no Senhor, e a sua mãe e minha.

- Talvez este seja o Rufo citado em Mc. 15.21.

- A mãe dele era como uma mãe para Paulo, por isso eram muito próximos.

15 Saudai a Filólogo e a Júlia, a Nereu e a sua irmã, e a Olimpas, e a todos os santos que com eles estão.

- Ao menos sete mulheres são mencionadas neste capítulo: Febe (v. 1), Priscila (v. 3), Maria (v. 6), Trifena, Trifosa, Pérside (v. 12), Júlia (v. 15). Também é feita menção a uma irmã de Nereu (v. 15).

- Todas elas eram obreiras, diaconisas e profetisas que “trabalham no Senhor” (v. 12). Isso indica que elas trabalhavam no ministério da Palavra. Havia um certo número de profetisas na igreja primitiva (At. 21.9).

- Esse homem, chamado Nereu, o mesmo nome do deus do mar Egeu, manteve seu nome pagão.

24 A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós. Amém!

- Temos aqui a repetição da doxologia existente no fim do versículo 20.

- Quanto à validade da doxologia encontrada neste versículo, pode-se dizer o seguinte: os manuscritos DEFGL a contêm, no que são seguidos pelas traduções KJ, BR (que a assinala como duvidosa), AC, AA (que também a assinala como duvidosa) e F. Todas as demais traduções usadas para efeito de comparação neste comentário (nove em inglês e cinco em português) omitem essa doxologia, seguindo os manuscritos mais antigos, como P (46), Aleph, ABC e Vg (w) e os escritos do pai da igreja Orígenes, onde o versículo é omitido em suas citações.

- É bem possível que essa doxologia tenha sido uma adição escribal, feita com base no versículo 20. Supostamente Paulo havia encerrado a “pequena epístola” no atual versículo 20; mas então lembrou-se de mais alguma coisa, sobretudo a fim de enviar saudações da parte de alguns irmãos. Depois dessas saudações, pois, talvez alguém tenha julgado ser apropriado repetir a doxologia. Não é muito provável que essa reiteração tenha sido feita pelo próprio Paulo; e os manuscritos mais antigos omitem o presente versículo. Poder-se-ia argumentar, entretanto, que a repetição foi realmente da lavra do apóstolo, mas que escribas subsequentes a eliminaram, por ser uma redundância. Contudo, apesar desse argumento ser possível, não é provável. Porquanto, apesar de existirem manuscritos posteriores que retêm melhor o original do que manuscritos mais antigos, isso não é de ocorrência frequente, o que talvez atinja apenas cerca de 5% das variantes textuais. A própria doxologia conta com diversas variantes, e abaixo fazemos um estudo completo acerca da mesma, como um problema textual:

- Alguns manuscritos, como no chamado Textus Recetus, contêm um título mais completo de Cristo, “nosso Senhor Jesus Cristo”. Isso é apoiado pela tradução AC, bem como pela maioria dos manuscritos gregos posteriores. Todavia, a palavra Cristo é omitida pelos manuscritos P (46), Aleph, B e alguns poucos outros.

- No versículo 20, a doxologia é inteiramente omitida pelos manuscritos DEFG e por alguns outros manuscritos de menor importância. Sem dúvida isso se deve ao fato de que a mesma é reiterada no versículo 24, tendo sido apagada no versículo 20, por alguns escribas. No entanto, na epístola original o contrário é que sucedia, isto é, a doxologia aparecia no versículo 20, e não no 24.

- No versículo 24 esse título é descontinuado ou retido, conforme dissemos no começo das notas sobre este versículo. Os manuscritos que retêm essa doxologia apresentam o título mais completo, “nosso Senhor Jesus Cristo”.

- Alguns poucos manuscritos transportam essa doxologia menos para o final do versículo 27. Assim dizem os manuscritos P, 17 e 80, bem como as versões peshita e aramaica, conforme também se dá com os escritos de Ambrosiastro, pai da igreja.

- O manuscrito P contém essa doxologia tanto no v. 20 como no v. 24.

- Sumariando: os manuscritos P (46), Aleph, ABC, os latinos e Orígenes têm a doxologia somente no versículo 21. Os manuscritos DEFG têm-na somente no versículo 24. O manuscrito L, a Vulgata latina e os escritos de Clemente e Crisóstomo, bem como a grande massa de manuscritos posteriores, têm-na tanto no v. 20 quanto no v. 24. O manuscrito P tem-na tanto no v. 20 como no v. 27. A solução mais provável é que, originalmente, essa doxologia ou bênção final figurava apenas no fim do versículo 20, onde foi usado o título mais abreviado de Cristo: “Nosso Senhor Jesus”.

Referências bibliográficas:

- ARRINGTON, French L. **Comentário bíblico pentecostal – Novo Testamento**, v. 1. 4ª. edição. Editora CPAD, 2009.
- Bíblia Apologética de Estudo. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.
- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo**. 2ª. edição. Editora Hagnos, v. 4, 2001.
- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. Editora Hagnos, v. 3, 2012.
- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.
- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **A família e a Igreja**. Subsídio publicado no *site* <http://www.portalebd.org.br/>.
- MOUNCE, William D. **Léxico analítico grego do Novo Testamento**. Editora Vida Nova, 2012.
- NEVES, Natalino das. **A família e a Igreja**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.
- OLIVEIRA, Euclides de. **A família e a Igreja**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.adlondrina.com.br>.
- OLIVEIRA JÚNIOR, Abimael Alves de. **A família e a Igreja**. Subsídio publicado no *blog* <http://www.abimaeljr.wordpress.com>.
- RENOVATO, Elinaldo. **Lições bíblicas: A família cristã no século XXI – protegendo seu lar dos ataques do inimigo**. Editora CPAD, 2013.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Editora CPAD, 2005.